



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE GESTÃO DE COOPERATIVAS**

RAQUEL ALVES DE FREITAS LIMA

**COSTUREIRAS E TRABALHO A DOMICÍLIO: UM PERFIL PARA
ARAGUAÍNA - TO**

**ARAGUAÍNA/TO
2018**

RAQUEL ALVES DE FREITAS LIMA

**COSTUREIRAS E TRABALHO A DOMICÍLIO: UM PERFIL PARA
ARAGUAÍNA - TO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Federal do Tocantins, como requisito parcial para conclusão da graduação no curso de Gestão de Cooperativas.

Orientador: Prof.º Dr.º Miguel Pacífico Filho

**ARAGUAÍNA/TO
2018**

RAQUEL ALVES DE FREITAS LIMA

COSTUREIRAS E TRABALHO A DOMICÍLIO: UM PERFIL PARA
ARAGUAÍNA - TO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Federal do Tocantins, como requisito parcial para conclusão da graduação no curso de Gestão de Cooperativas e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação ____/____/____

Banca examinadora:

Prof.º Dr.º Miguel Pacífico Filho – Orientador, UFT

Prof.ª Dr.ª Tatiane Marinho Vieira Tavares – Examinadora, UFT

Prof.º Msc. Fernando Sérgio de Toledo Fonseca – Examinador, UFT

RESUMO

O trabalho objetiva demonstrar o perfil de trabalhadoras costureiras no município de Araguaína - TO. Situada no norte do estado do Tocantins, Araguaína é cidade média que se apresenta como polo de atração regional e que concentra significativos problemas no que diz respeito ao mundo do trabalho. Para a reflexão teórica, foi utilizado o conceito de trabalho a domicílio e, como metodologia de pesquisa, utilizamos a história de vida baseada na aplicação de questionários semiestruturados a cinco costureiras. Selecionamos seis categorias de análise: trajetórias de migração, idade, estado civil dinâmica de aprendizado da profissão, percepção sobre o próprio trabalho e percepção sobre a cidade de Araguaína. Concluímos que há trajetórias migratórias entre todas as entrevistadas, inclusive com origem em estados circunvizinhos ao Tocantins, aprendizado da profissão na infância e percepções contraditórias sobre o próprio trabalho e a cidade de Araguaína. Contradição que oscila entre a leitura de cidade de oportunidades e a ausência de apoio de políticas públicas ao suporte de sua profissão e entre o controle de seu trabalho à crítica de que a profissão é pouco valorizada socialmente.

Palavras-chave: Ofício costureira. História de Vida.

ABSTRACT

The objective work demonstrated to profile seamstress work in the municipality of Araguaína-TO. Located in the north of the state of Tocantins, Araguaína is a middle city that presents itself as a pole of regional attraction and that concentrates problems. For the theoretical practice, the concept of domicile was used and, as the research methodology, a life history based on the application of semi-structured questionnaires to five seamstresses was used. Datasheet the analyzes of trajectories, the age, the learning dynamics of the profession, the perception about the work itself and the perception about the city of Araguaína. This is in this report in the circumstantism on the circuits in the Tocantins, learned in the knowledge and the city of Araguaína. Contradiction that oscillates between the reading of the reality and the absence of support to the public policies of support of its profession and between the control of its work in the critic of which the profession is little valued socially.

Keywords: Seamstress craft. Life's history.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. A PROFISSÃO DE COSTUREIRA.....	6
3. METODOLOGIA: HISTÓRIA DE VIDA.....	8
4. O TRABALHO A DOMICÍLIO.....	10
5. A LEGISLAÇÃO DE REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO DE COSTUREIRA– PROJETO DE LEI Nº 7.806-A, DE 2014	11
6. AS COSTUREIRAS NO MUNICÍPIO DE ARAGUAÍNA-TO.....	12
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS.....	19
ANEXOS.....	20

1. INTRODUÇÃO

O município de Araguaína é a principal referência urbana da microrregião na qual está localizada, e recebe seu nome em razão de sua importância econômica dentro do Estado do Tocantins. Apresenta-se como atrativa para as atividades do ramo industrial, transporte, educação e saúde. É possível afirmar que sua atividade econômica primeira está na pecuária, que se constitui como principal elemento socioeconômico da região devido à expansão da fronteira agrícola e à construção da BR-153, que corta seu perímetro urbano e liga a cidade de Belém a Brasília.

A economia rural reflete diretamente na formação do urbano à medida que direciona os processos econômicos e financeiros do estado do Tocantins. Araguaína é uma área em crescente expansão urbana, com uma economia pautada principalmente na pecuária extensiva e nos setores secundário e terciário. Devido ao crescimento acentuado entre as décadas de 1970 a 2000. (Guedes Brito 2014, p.6)

Conforme a distribuição da população rural e urbana, Araguaína é uma área de significativo desenvolvimento econômico, ainda que com características de hiper concentração e investimento em determinados setores na economia da cidade. A dinâmica agropecuária é mostrada pelo número da produção agrícola de grãos de arroz e soja, que são os principais produtos de exportação, e também da carne bovina (pecuária de corte). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015), o Tocantins cresceu, na área urbana 3,8%, e na rural, caiu 0,9% por ano, e prosseguiu com baixa densidade populacional de 4,5 habitante/km². A cidade está situada ao norte do estado numa microrregião formada por 17 municípios, incluindo Araguaína, que é a 2ª cidade mais desenvolvida economicamente do estado. Em sua microrregião, se concentra a maior população do Tocantins.

No entanto, de acordo com Sousa e Amaro (2009, p. 8), deve-se relativizar tais investimentos, abrindo-se a possibilidade de interpretação das muitas e significativas desigualdades observáveis no espaço urbano da cidade:

Em níveis de infraestrutura urbana, os investimentos em bens e serviços coletivos exercidos pelo poder público ocorreram exatamente nas áreas da cidade onde habitam os segmentos de maior poder aquisitivo; ou que poderão ser vendidos e ocupados por esses segmentos, para que, com isso, a área seja valorizada.

O dinamismo acima mencionado, abriga toda uma dinâmica urbana capaz de ofertar condições para a existência de um mundo do trabalho extremamente multifacetado, que acolhe trabalhadores inseridos nos mais diversos nichos de atuação. Entre esses trabalhadores, seguramente podemos apontar as costureiras que trabalham a domicílio e que constituem o

objeto de estudo desse trabalho. Sendo assim, corroboramos o entendimento que Robert Castel (2015) constrói acerca daquilo que entende ser a centralidade do trabalho, ou seja: o trabalho ainda é o principal fundamento da cidadania na medida em que este comporta uma dimensão econômica e social, e que é precisamente nesta dimensão que a “sociedade salarial” e a democracia se vinculam. (CASTEL,2015).

Entendemos que estudar o trabalho das costureiras, nos permite visualizar uma significativa faceta do mundo do trabalho, em uma cidade polo-regional que, muitas vezes, tem sua leitura limitada ao agronegócio, e ao desenvolvimento de viés economicista.

Nosso primeiro objetivo é apresentar a trajetória de vida dessas trabalhadoras, situando seus locais de origem bem como a existência de trajetórias de migração e formas de aprendizado da profissão. Como objetivo secundário, buscamos verificar como ocorrem suas jornadas de trabalho e suas leituras acerca da profissão e da cidade de Araguaína. Para alcançarmos tais objetivos, buscamos como fundamentação teórica as discussões em torno de trabalho a domicílio e, como metodologia, manuseamos a história de vida através de entrevistas semiestruturadas.

Para atingirmos os objetivos propostos, o trabalho encontra-se dividido em seis tópicos: a introdução, que objetiva situar o leitor acerca das escolhas e procedimentos de pesquisa; a profissão de costureira, expõe uma breve discussão histórica da profissão; o terceiro tópico aborda a metodologia de história de vida, procurando demonstrar determinados fatos, ocorridos nas vidas das trabalhadoras, que podem elucidar aspectos relacionados a trabalho e migrações, o quarto tópico discute o trabalho a domicílio, enquanto variável de fragilização dos trabalhadores em relação à seguridade social ; o quinto tópico refere-se a legislação, que serve para regulamentação da profissão de costureira; o sexto tópico apresenta os resultados das entrevistas semiestruturadas, através das quais pode-se observar os objetivos de trabalho; e, por fim, as conclusões às quais chegamos, que nos permitiram sistematizar as informações obtidas ao longo do processo de escrita do trabalho.

2. A PROFISSÃO DE COSTUREIRA

Segundo Frasquete e Simili (2015), a costura, na maioria das vezes, é realizada por mulheres e isso acontece em razão da determinação ideológica da própria sociedade. Assim, as mulheres teriam que exercer um trabalho que possa ser flexível e adaptativo às várias outras atividades do lar. A prática de costurar pode ser vista como um trabalho tradicional, repassado de mãe para filha.

Condicionamentos e necessidades variadas levaram as mulheres a assumir diversas “funções produtivas”, abraçando habilmente as possibilidades existentes, ocupando brechas no mundo do trabalho ou tomando para si postos e colocações antes vetados ou inacessíveis. Nesse processo, foram mais facilmente incorporadas ao mercado laboral quando assumiram ocupações para as quais eram consideradas hábeis ou vocacionais (fiar, tecer, costurar, cuidar, servir). (MATOS e BORELLI, 2012, p. 127).

Segundo Rueda et al. (2009, p. 3), o trabalho em escala e a domicílio iniciou-se nos séculos XVI e XVII. Nesse período, todos da família trabalhavam juntos para suprir suas necessidades. Mas essa situação sofreu mudanças com o desenvolvimento tecnológico advindo da Revolução Industrial e os trabalhos outrora desenvolvidos, foram subdivididos devido à crescente demanda. Desse modo, o consumidor passou a ser mais exigente, fazendo com que o comércio da moda produzisse em escala acelerada e cada vez mais inovadora. Cresceu então a demanda por costureiras, tanto para roupas sob medida, quanto para a produção em massa em indústrias. A principal diferença entre essas duas formas de produção, estão na qualidade das peças.

A costura enquanto saber pode assumir várias formas: desde uma forma exclusivamente doméstica, quando se torna apenas uma faceta adicional do trabalho doméstico de responsabilidade da dona de casa; uma forma artesanal, no caso das costureiras que tem freguesia particular; até formas mais diretamente ligadas ao capital, quer numa relação de assalariamento típica, numa grande fábrica. (RUEDA et al, 2009, p. 2).

Segundo o exposto, a costura pode assumir várias formas: costura em domicílio ou em fábricas, com salário fixo mensal ou em *atelier* em parceria com outras mulheres. Na Segunda Revolução Industrial, os avanços estavam voltados para a tecnologia de equipamentos e, dentro das indústrias, possibilitou um maior progresso com as máquinas de costura, cada vez mais eficientes. Dessa forma, as costureiras domésticas eram solicitadas somente por aqueles que não queriam o padrão estabelecido pela moda vigente.

Conforme Melissa e Bueno (2015), a costura está ligada à necessidade de se vestir. Trata-se de trabalho realizado de forma artesanal. Mesmo com o avanço tecnológico na indústria têxtil, peças de roupas continuaram a ser feitas por costureiras em suas próprias residências, pois, antigamente, quase todas as donas de casa possuíam uma máquina de costura para fazer conserto e roupas para toda a família.

O Ministério do Trabalho e Emprego, através da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações), apresenta a regulamentação para ocupações bem específicas dentro da família do ofício da costura. Entre as classificações, a que mais se aproxima com a forma de trabalho que é realizado pelas costureiras é denominada “Costureira de peças sob encomenda (Modelista)”, cujo código de ocupação é 7630-10 uma classificação sendo vinculado à família “7630: Profissionais polivalentes da confecção de roupas”. (MELISSA e BUENO, 2015, p. 4).

As costureiras chamadas modelistas trabalham por encomenda e sob medida. Essas trabalhadoras adquirem a confiança de seus clientes que, na sua maioria, são mulheres e as fidelizam através de sua eficiência e comprometimento com a entrega dentro de determinado prazo previamente estipulado,

A relação das mulheres com o mercado de moda se abre, portanto, a duas faces: a do consumo e a da produção, nas quais essas estiveram envolvidas. Fazer roupa para se vestir e fazer roupa para sobreviver, duas faces visíveis no mercado de produção e de consumo nos anos 1950 e 1960. Com o mercado da moda brasileira em expansão no período, havia o incentivo ao consumo e a produção de moda pelas mulheres, e para tanto revistas como *Jornal das Moças* e *Manequim* davam grande contribuição. (FRASQUETE e SIMILI, s/d, p. 3).

Ou seja, em determinado momento, reforçou-se a ideia de que à mulher cabia a tarefa de cortar e costurar, sedimentando uma imagem limitadora e socialmente cerceada. Por outro lado, igualmente se consolidou uma interpretação de que, no outro extremo social, sua atuação deveria ser circunscrita ao consumo irrefletido com a finalidade última de sempre obedecer ao imperativo social do estar na moda. Envolvidas no mundo da costura sob vieses diferenciados, as trabalhadoras e consumidoras foram gradativamente limitadas a partir de referenciais comportamentais estruturados sob a ótica masculina.

3. METODOLOGIA: HISTÓRIA DE VIDA

A metodologia de história de vida tem o objetivo de descrever trajetórias pessoais e sociais permitindo a manifestação de particularidades e percepção do caráter processual na construção de vidas.

Conhecer sua história e ter consciência dela pode ser um caminho para o desenvolvimento pessoal. A metodologia de História de vida é uma abordagem que utiliza a narrativa das vivências do sujeito para levá-lo a um processo de transformação (CÁSSIA e BRENER, 2013, p. 2).

A história de vida é entendida aqui como uma forma de compreender a individualidade do ser humano, e pode-se resumir em uma utilização de vários procedimentos de coleta de dados, como os próprios documentos pessoais, entrevistas, cartas, entre outros. Segundo as autoras citadas acima, a redescoberta do sujeito em suas singularidades, o voltar-

se para si mesmo, o caminhar para si, também implica em caminhar com o outro, o que nos desafia a refletir sobre nossa própria existência no mundo.

Tal metodologia propõe a observação do sujeito na construção e no desenvolvimento da formação de sua própria aprendizagem. De acordo com Corrêa e Guiraud (2009), a história oral como suporte à história de vida não é utilizada no sentido de construir narrativas autobiográficas, mas para a obtenção de dados sobre aspectos específicos da trajetória de vida do sujeito, ou seja, para captar elementos de sua formação profissional. O relato de história de vida se configura ele próprio em uma metodologia de pesquisa, que se demonstra em conhecer e se aprofundar o conhecimento sobre a realidade da vida do indivíduo, de forma que as experiências de vida se tornem reconhecidas através de diálogos com pessoas, e por entrevistas que relembram coisas pessoais do sujeito observado.

A história de vida, ou dos depoimentos orais como recurso metodológico de pesquisa, se ocupa em conhecer e aprofundar conhecimentos sobre determinada realidade, recuperando experiências de vida obtidas através de conversas com pessoas, por meio de entrevistas que, ao focalizarem lembranças pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória de um grupo social, de um sujeito na pesquisa, ponderando esses fatos pela sua importância em suas vidas. (CORRÊA e GUIRAUD, 2009, p. 10).

De acordo com Santos e Santos (2008), a história de vida permite obter informações acerca da essência da vida de uma pessoa. Se quisermos saber a experiência e perspectiva de um indivíduo, não há melhor caminho do que obter estas informações através da própria voz da pessoa. O sujeito tem liberdade de expressar suas experiências de forma clara para o entrevistador.

A história de vida não é uma progressão ao longo de um *continuum*, mas um vai-e-vem sobre a experiência anterior de um indivíduo ou de um grupo, se revela estranha a um modelo de sucessão cronológica linear. Em relação ao entrevistado, a história de vida constitui um conjunto significativo para sua seleção, seus procedimentos, sua ordem narrativa. (SOUSA e SOUSA, 2008, p. 5).

Dessa forma, é importante mencionar que a história de vida é um grande desafio, que mostra um caminho possível que atende a singularidade da vida das pessoas. No decorrer da narrativa, o indivíduo cria relações de diferentes fatores acerca de sua vida.

Relatando sua própria experiência de vida, o sujeito pode contribuir tanto com seu trabalho, quanto para o trabalho de outros indivíduos do mesmo segmento. O sentido da história de vida é dar um significado seu para o relato construído; ele faz parte da vida e do trabalho de cada trabalhador. Mesmo que o método utilizado não chegue ao resultado desejado, o pesquisador tem o compromisso com a realidade. Para Sousa e Sousa (2008),

mesmo sendo um indivíduo contando sua história, ele descreve outras pessoas que passam pelas mesmas situações por ele vividas.

4. O TRABALHO A DOMICÍLIO

O trabalho a domicílio apresenta-se como uma das contradições do processo de produção capitalista e é um dos traços marcantes da recente reestruturação de reprodução do capital. De acordo com Lavinias et al. (2000, p.3)

As mulheres continuam a prevalecer no trabalho a domicílio, uma vez que carecem de mobilidade e de flexibilidade de opções no mercado de trabalho (...) as mulheres constituem a principal oferta de trabalho a domicílio. Da mesma forma, o trabalho a domicílio, se comparado com os empregos usuais do setor industrial, pode ser considerado como de baixa qualidade. Frequentemente sem proteção da legislação trabalhista, oferecendo raríssimas oportunidades de treinamento e ascensão funcional, é uma ocupação extremamente precária. Essa realidade expressa um quadro profundamente desigual. Se há, numa ponta, companhias gigantes altamente concentradas, operando em escala mundial tanto em termos de oferta quanto da demanda, na outra ponta encontram-se formas de trabalho bastante vulneráveis e desprotegidas. (p. 3).

Existem algumas formas de trabalho que as costureiras realizam em suas próprias residências e Clavinias et al. (2000, p.7), descreve uma delas:

Trabalho a domicilio nos Ateliês de Trabalho Manuais- Nesse espaço a residência é adaptada para confecções das peças. Liderada por ex-trabalhadoras da fábrica, dessa forma reduz o custo da mão de obra tornando o produto competitivo com relação ao preço, esse trabalho é geralmente voltado ao público feminino envolvendo muitas vezes a família toda nessas atividades.

No trabalho á domicílio prevalece a figura da mulher, que necessita de mobilidade devido às responsabilidades domésticas que recaem sobre elas, bem como das atribuições de trabalho relacionadas ao gênero. Porém, ao trabalho doméstico são atribuídos alguns riscos, como a falta de assistência e seguro no caso de acidentes devido ao trabalho executado. Dessa forma, o trabalho a domicílio vem crescendo através da necessidade que as mulheres têm em se inserir no mercado de trabalho, e a precarização é um fator presente com considerável ocorrência. O setor produtivo sempre busca tirar proveito do trabalho a domicílio realizado mais por mulheres de baixa renda e com filhos menores. Através do trabalho realizado dentro de tais características, as mulheres ficam desprovidas dos direitos trabalhistas e expostas à precarização ao não ter jornadas regulamentadas e acumuladas com afazeres domésticos.

5. A LEGISLAÇÃO DE REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO DE COSTUREIRA – PROJETO DE LEI Nº 7.806-A, DE 2014

O ofício de costureiras é quase tão antigo quanto a humanidade. Essa atividade é realizada atualmente, na sua maioria, por mulheres, mas nem sempre foi assim. Até o século XVII, as costureiras só poderiam ajustar as peças já feitas por alfaiates e camiseiros e foi a Inglaterra, em 1865, que reconheceu pela primeira vez a atividade das costureiras. Durante os processos da chamada revolução industrial, a atividade passou a ser padronizada a partir da produção de roupas em série. Assim, inicia-se o processo de valorização, padronização e vigilância sobre o do ofício de costurar. Cabe dizer que, neste setor, a fabricação em série atinge níveis quase inigualáveis por quaisquer outros campos econômicos atualmente.

Apesar de, na grande maioria dos casos, as costureiras dedicarem suas vidas ao ofício – mais a frente demonstraremos o caso de uma delas que trabalha há quarenta anos costurando –, até hoje a profissão não está regulamentada no Brasil e, em razão disso, sujeita à precarização das condições de trabalho. É possível expor tal afirmação a partir do que é exposto no Projeto de Lei nº 7.806-A, em sua justificativa, que afirma que ainda não há regulamentação: A reestruturação produtiva adotada no Brasil nos anos 90 impôs sérias alterações nos trabalhos das costureiras. A produção se diversificou passando a ser feita em outros espaços além do da fábrica. (BRASIL, 2014).

A partir disso, muitas empresas instauraram regimes de horário além do diurno, objetivando driblar dinâmicas fiscais e alcançar, determinados tipos de benefícios tributários. Cabe dizer que o baixo reconhecimento social da profissão é uma característica histórica inerente ao desempenho desse ofício, fato que nos foi relatado durante as entrevistas e que será exposto em tópico abaixo.

Com base nas características e contextos mencionados acima, foi proposto o projeto de Lei nº 7.806 de 2014, com o objetivo de regulamentar o exercício das trabalhadoras e contribuir com o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), bem como para uma melhor distribuição dos benefícios sociais. Segundo a lei nº 7.806 (2014), no seu Art. 3º,

São requisitos mínimos para o exercício da profissão: I – ser maior de dezoito anos de idade; II – comprovar conclusão em curso específico mantido por entidades oficiais, privadas ou classistas legalmente habilitadas e reconhecidas pelo MTE. Parágrafo único. É assegurado o registro do profissional que exerça, comprovadamente, atividades próprias de costureira até a data da promulgação desta lei. (BRASIL, 2014).

O artigo 28 desta mesma Lei diz que:

O ambiente de trabalho das costureiras, sua cadeira, seus equipamentos de uso, assim como as anotações em sua carteira e contrato de trabalho não poderá ser diferente das leis e normas de proteção ao trabalho do MTE. (BRASIL, 2014).

Cabe dizer que a regulamentação do trabalho das costureiras propõe vários benefícios para as trabalhadoras que atuam tanto nas fábricas quanto para aquelas que trabalham nas suas casas, garantindo, entre outros fatores de proteção social, seguro de vida contra acidentes de trabalho e acesso ao sistema previdenciário. A normativa que regulamenta o ofício costureira aplica-se ao mesmo tempo para o trabalho masculino e para o feminino.

Mesmo sendo um projeto que visa a valorização do ofício de costureira, estabelecendo dignidade, direito a saúde e o adequado tratamento da mulher, com a atuação dos órgãos de fiscalização pelo do trabalho, o Projeto de Lei 7.806 de 2014 ainda não foi aprovado, e permanece em estudo na câmara dos deputados, aguardando parecer do Relator na Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público (CTASP) de acordo com o Portal da Câmara dos Deputados.

6. AS COSTUREIRAS NO MUNICÍPIO DE ARAGUAÍNA-TO

Foram entrevistadas 5 (cinco) costureiras atuantes no município de Araguaína entre os dias 15 e 19 de maio de 2018, por meio de visita no período da tarde em seus ambientes de trabalho e residências. Suas atividades mais específicas são concertos em geral e peças exclusiva feita sob medida. Para a análise das entrevistas foram desenvolvidas 5 (cinco) categorias de análise, a saber: trajetórias de migração; idade; dinâmica de aprendizado da atividade; dinâmica de trabalho e percepção da própria atividade; e percepção sobre Araguaína.

A primeira delas diz respeito a trajetórias de migração. Buscamos perceber se essas trabalhadoras têm suas trajetórias de vida inseridas nos fluxos migratórios que se deslocam para Araguaína. A segunda categoria de análise refere-se à idade, na qual buscamos perceber se o exercício da costura está centrado em determinada faixa etária e se poderíamos concluir disso alguma dinâmica própria do setor de trabalho. A terceira categoria de análise está ligada à dinâmica de aprendizado da atividade. Buscamos compreender em que momento e em quais circunstâncias as costureiras aprenderam o ofício. A quarta categoria de análise diz respeito à dinâmica de trabalho à percepção que as trabalhadoras têm da própria atividade. A quinta categoria, diz respeito à percepção das trabalhadoras sobre Araguaína. O objetivo aqui foi o de apreender a leitura que essas trabalhadoras têm sobre o município que é polo regional. A sexta, e última diz respeito ao estado civil dessas mulheres, em relação ao apoio financeiro,

existente ou não. Os nomes das entrevistadas foram omitidos e substituídos pelos números que correspondem à ordem em que as costureiras foram entrevistadas.

Vejamos as respostas referentes à primeira categoria de análise, trajetórias de migração. A entrevistada 1, nos disse que nasceu na zona rural do município de Caxias, no Maranhão, casada, 57 anos, dois filhos. No entanto, quando perguntada, disse que veio de outra cidade para Araguaína, nos disse ter vindo de Xinguara, no Pará. O motivo para o deslocamento foi o seguinte: *“meu marido veio buscar trabalho, quando arrumou buscou eu e os meus filhos”*. Ou seja, a migração é parte da trajetória de vida. Nascimento no Maranhão, passagem pelo Pará e estabelecimento no Tocantins.

A entrevistada 2, nos disse que nasceu no município de Floriano, estado do Piauí, separada, 62 anos, três filhos. Quando perguntada sobre se veio de outra cidade, antes de chegar a Araguaína, no disse ter vindo do município de Tocantinópolis-TO, *“vim morar com meu esposo que já trabalhava aqui”*. Ou seja, novamente a migração é parte da trajetória de vida. Nascimento no Piauí, ida para uma cidade situada na região do Bico do Papagaio, no extremo norte do Tocantins e, por fim, o estabelecimento em Araguaína.

A entrevistada 3, nos disse que nasceu na zona rural do município de Cachoeirinha, também localizado no Tocantins, casada, 31 anos, uma filha. Veio para Araguaína diretamente daquele município, para de acordo com ela, *“morar com meu irmão para estudar e trabalhar”*. Ou seja, mais uma vez verificamos que exerce influência a atratividade de Araguaína, nesse caso particular a questão educacional é um dos fatores.

A entrevistada 4 nos disse ter nascido no município de Itaguatins, situado no extremo norte do Tocantins, também na microrregião do Bico do Papagaio. Casada, 49 anos, três filhos. Quando perguntada se veio de outra cidade, nos disse ter vindo do município de Maurilândia, também localizada no extremo norte do Tocantins, na microrregião do Bico do Papagaio. Ou seja, a trajetória de migração também é parte de sua história de vida.

A entrevistada 5 nos disse ter nascido no município de Uruaçu, no estado de Goiás, separada, 64 anos, quatro filhos. Quando perguntada sobre se veio de outra cidade, nos disse ter vindo de Guaraí, município localizado na Microrregião de Miracema do Tocantins. Particularmente aqui temos, movimento migratório diferente do observado pelas outras três trabalhadoras, ou seja, o movimento não ocorre no sentido norte em direção à Araguaína, ou mesmo do Nordeste em direção à Araguaína, mas da região centro-oeste para Araguaína. Sobre o motivo que a teria levado a se mudar, nos disse o seguinte: *“porque Araguaína era o polo de compra da família e a cidade mais desenvolvida pra morar, trabalhar e estudar”*. Confirma-se a centralidade do município de Araguaína.

Acerca da segunda categoria de análise, idade, constatamos que a faixa etária compreende três grupos. O primeiro grupo conta com duas costureiras e está acima dos 60 anos, mais especificamente 62 e 64 anos. O segundo grupo conta com duas costureiras e está situado entre os 45 e os 60 anos, as costureiras desse grupo tem respectivamente 49 e 57 anos. Por fim, o último grupo, que situamos abaixo dos 45 anos conta com uma costureira, que tem 31 anos. Dessa amostra, podemos inferir que o exercício da atividade concentra-se entre faixas etárias mais avançadas. Não fez parte de nossos objetivos, mas poderíamos concluir desse quadro a baixa atratividade da profissão junto às faixas etárias mais jovens.

Sobre a terceira categoria de análise, dinâmica de aprendizado da profissão, obtivemos as respostas apresentadas a seguir. A entrevistada 1, quando perguntada sobre em que momento e em que circunstância, aprendeu a costura, nos disse o seguinte: *“quando tive meus filhos, pois precisava trabalhar e conciliar o trabalho com as tarefas de casa e o cuidado com os filhos, aprendi com minha mãe e costuro em casa”*. Ou seja, fica clara a necessidade de participação no orçamento domiciliar, bem como a necessidade de conciliação entre as atividades do trabalho e o cuidado com os filhos. A dupla jornada de trabalho, já extensamente presente na literatura, é marca presente entre as costureiras por nós estudadas.

A entrevistada 2 nos disse que o aprendizado foi intrafamiliar e ainda na adolescência: *“aprendi com minha mãe aos 15 anos, concertando as roupas da família e até hoje costuro em minha casa”*. Considerando que a entrevistada nos informou ter 62 anos, são 47 anos trabalhando como costureira. A entrevistada 3 nos disse o seguinte: *“Quando precisei trabalhar a primeira oportunidade que tive foi com a costura eu já costurava na máquina da minha mãe na adolescência mas aprendi mesmo em uma pequena confecção com a dona de lá, costuro em casa”*. Ou seja, a costura aparece em sua trajetória de vida não como uma opção, mas como a primeira oportunidade que surge. Não há trajetória laboral ancorada na escolarização, mas ao acaso, a chamada primeira oportunidade.

A entrevistada 4 nos disse o seguinte: *“aprendi a costurar praticando, com a ajudar de uma amiga, porque eu sempre quis ter meu próprio negócio e a costura me deu essa oportunidade, tenho um ateliê no centro”* Aqui percebe-se a intenção de controle sobre o próprio trabalho, ainda que não tenhamos lhe perguntado sobre questões envolvendo seguridade social e demais benefícios dela advindos. A entrevistada 5 nos disse o seguinte quando perguntada sobre em que contexto começou a costurar: *“Meu pai me colocou pra costurar aos 12anos, aprendi praticando sozinha, pra eu ajudar minha mãe a fazer os consertos das roupas de casa e da fazenda, hoje em dia costuro em um ateliê alugado no*

centro, em parceria com outras costureiras”. Novamente percebemos o aprendizado intrafamiliar e ainda no início da adolescência.

A quarta categoria de análise diz respeito à dinâmica e à percepção que têm do próprio trabalho. A entrevistada 1 nos disse que trabalha na costura somente no turno vespertino, exerce a atividade em sua própria casa, e da mesma maneira que a entrevistada 5, nos disse que não trabalha aos finais de semana ou nos feriados. No entanto, fez uma ressalva: se houver encomenda prévia pode-se abrir exceção quanto a feriados e finais de semana. Quanto à sua percepção da profissão nos disse o seguinte: *“gosto muito do que faço, me sinto realizada com meu trabalho, mas não me sinto reconhecida, pois as pessoas não querem pagar um preço justo pelas peças que faço”*. Ou seja, há percepção de reconhecimento, conforto e conexão com a atividade exercida, mas, ao mesmo tempo, verifica-se que há desapontamento em relação ao reconhecimento do resultado de seu trabalho no que diz respeito ao preço que considera justo por sua produção e que as pessoas de um modo geral não se permitem pagar.

A entrevistada 2 nos oferece relato de maior intensidade em seu regime de trabalho. Disse que trabalha *“o dia inteiro, só paro pra fazer a comida e almoçar depois continuo até as 18h”*. Não nos disse sobre trabalho aos finais de semana ou feriados. Considerando-se que nos informou ter 62 anos, é possível afirmarmos que se trata de jornada intensa, sobretudo se considerarmos que esta trabalhadora informou não estar vinculada ao sistema público de seguridade social. Sobre sua dinâmica de trabalho, nos informou que, anteriormente, trabalhava em um ateliê localizado no centro da cidade, mas, no momento dessa entrevista, nos afirmou estar trabalhando em casa e que tal condição foi atingida após a formação de um grupo de clientes permanentes que solicitam os serviços de costura com regularidade.

Tal dinâmica a possibilitou não mais despender parte de seus ganhos com aluguel de outro espaço e a ter controle de seu trabalho que é realizado em seu local de residência. Quanto à percepção de seu próprio trabalho nos informou que há reconhecimento: *“gosto muito do que faço amo costurar e me sinto reconhecida pelas minhas clientes sou muito procurada pelas pessoas”*. Há percepção de adequação social a partir do trabalho, bem como fica implícito certo grau de controle sobre ele.

A entrevistada 3 nos disse que segue o horário comercial, não trabalha aos finais de semana ou feriados e que o trabalho é desempenhado na própria residência. Como se trata de trabalhadora que nos informou ter 31 anos de idade, há percepção de possibilidade de trajetória laboral ainda a ser construída, bem como a possibilidade de controle do trabalho: *“pretendo crescer na área da costura, montar minha confecção porque gosto muito do que*

faço e me sinto reconhecida pela qualidade do meu serviço”. Há reconhecimento, conexão com a atividade laboral e perspectiva de determinação própria acerca de seu futuro no mundo do trabalho.

A entrevistada 4, nos disse que trabalha em um ateliê alugado no centro da cidade e nos respondeu de forma lacunar sobre a percepção de seu trabalho que, segundo ela é: *“muito bom e prospero, me sinto reconhecida”*. A entrevistada 5, nos disse que trabalha num ateliê alugado no centro da cidade juntamente com outras costureiras e que sua jornada coincide com o horário comercial. Digno de nota, é o fato de ter nos dito também que não trabalha aos finais de semana feriadós. Podemos dizer que há controle do trabalho, ainda que, também nesse caso, não tenhamos feito perguntas sobre questões envolvendo seguridade social. Sobre sua percepção da profissão, afirmou que se sente reconhecida e que um dos benefícios de ser costureira é, a possibilidade de trabalhar em qualquer lugar que estiver. Aqui percebemos uma relação harmônica com a atividade de costura, percepção de controle e inserção a partir do mundo do trabalho.

A quinta categoria de análise, diz respeito à percepção que as trabalhadoras, tem de Araguaína. Nosso objetivo aqui foi o de verificar como as trabalhadoras da costura interpretam, aquela que, em estudos acadêmicos, é classificada como um polo de atração regional. A entrevistada 1, questiona a imagem de crescimento e das oportunidades, habitualmente atrelada às cidades cujo dinamismo econômico de determinados setores do capital apresenta índices superiores à média nacional. Ao ser perguntada sobre seu entendimento sobre Araguaína diz ela: *“boa, mas faltam muitas oportunidades para as pessoas crescerem, pois, a burocracia é muito grande, no caso da costura é ainda pior, as mulheres não têm máquinas adequadas para a costura e acaba tendo que se virar com o que tem”*.

Fica subentendida a ausência de apoio ao trabalho das costureiras. Podemos entender também que, explicitamente, há referência à ausência de oportunidades para o crescimento pessoal, atrelada à igual ausência de acesso a políticas públicas eficazes de suporte ao trabalho. Nesse último aspecto, há também citação ao excesso de burocracia.

A entrevistada 2, é ainda mais objetiva e explícita em sua leitura sobre Araguaína. Perguntada sobre sua percepção sobre a cidade, disse: *“ruim, não temos apoio na nossa profissão”*. Novamente visualizamos o apontamento de ausência de apoio de políticas públicas para o suporte ao exercício da profissão. A entrevistada 3 demonstrou uma visão sensivelmente diferente das duas trabalhadoras anteriores, ao mesmo tempo em que demonstra, ainda que indiretamente, um dos efeitos colaterais do acelerado crescimento

urbano, o inchaço dos diversos nichos de trabalho na prestação de serviços, bem como a percepção de cidade que cresce acima da média nacional. Ela afirmou: *“a cidade é grande e tem crescido muito e há grandes oportunidades para quem quer trabalhar e na área da costura a procura é grande apesar de ter muitas costureiras na cidade”*.

A entrevistada 4 nos disse algo similar à entrevistada anterior, mencionou o tamanho da cidade, bem como as muitas oportunidades para sua área de atuação profissional: *“a cidade é boa e de grandes oportunidades, muito movimento no comércio, a procura é bastante na área da costura”*. Ou seja, há percepção de dinamismo e confirmação de expectativas quanto aos motivos que eventualmente levam à migração para a cidade. A entrevistada 5, nos forneceu uma leitura similar às duas anteriores, mencionou também o dinamismo da cidade e a oferta constante de oportunidades de trabalho. Disse o seguinte: *“cidade desenvolvida eu amo Araguaína, é muito boa pra trabalhar”*. Há referência a desenvolvimento e à identificação com a cidade, bem como menção às boas condições para desempenhar a atividade de costureira.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Definida pelo IBGE como polo regional, Araguaína demonstra dinâmica interna de crescimento populacional e crescimento econômico acima da média nacional. A cidade é também apresentada regionalmente como local de oportunidades, fato que fica claro ao citarmos os *slogans* institucionalizados por ela e amplamente utilizados nas diversas mídias locais e regionais: *“Araguaína: capital econômica do Tocantins”* e *“Araguaína: cidade de oportunidades”*. Tal cenário resulta e é resultante de fluxos migratórios recentes capazes de criar uma dinâmica interna portadora de especificidades próprias em seu mundo do trabalho.

Ao observarmos o trabalho das costureiras, concluímos que há, entre elas, a presença permanente do fator migração. Tal dinâmica se observa a partir de variáveis distintas: há movimento migratório advindo da região nordeste, da região centro-oeste e de cidades menores circunvizinhas a Araguaína. Há também outras especificidades nesses movimentos: no grupo das cinco entrevistadas quatro migraram de seus locais de nascimento para outras cidades e somente num segundo momento é que se deslocaram para Araguaína. Apenas em um dos casos é que a entrevistada mencionou vir diretamente de seu local de origem para Araguaína. Um último aspecto a ser ressaltado no que diz respeito à origem das migrações é o fato de que a maioria das costureiras afirmou ter nascido e passado a primeira infância na zona rural de seus municípios de origem.

A faixa etária das entrevistadas pode nos fornecer indícios de como a profissão tem se renovado ou sobre aspectos a serem considerados quanto à atratividade em relação a jovens trabalhadoras. O que ficou claro é que duas das entrevistadas tem mais de 60 anos, duas estão acima dos 45 anos, com respectivamente 49 e 57 anos e somente uma nos informou ter 31 anos.

O aprendizado da profissão é também algo a ser mencionado. Observamos que em duas situações há referência ao início do aprendizado com 12 e 15 anos respectivamente, bem como à dinâmica intrafamiliar de aprendizado. Outras trabalhadoras nos disseram que a costura surge como oportunidade em suas vidas, não necessariamente como resultado de trajetória de escolarização e conseqüente escolha ocupacional. Há ainda menção a acúmulo de jornada de trabalho, com a já conclusiva demonstração na literatura sobre trabalho feminino atrelado à dupla jornada de trabalho na qual os cuidados com a família, casa e filhos se sobrepõem à atividade profissional.

Quanto à percepção de suas atividades de trabalho na costura e sobre a cidade de Araguaína, encontramos leituras conflitantes. Por um lado, obtivemos respostas bastante críticas em relação à falta de apoio ao trabalho das costureiras, inferimos dessas respostas a falta de apoio no que diz respeito a políticas públicas de capacitação, financiamento e tributação para o exercício da profissão. Respostas conflitantes com a imagem de cidade das oportunidades e de crescimento acima da média nacional. Por outro lado, obtivemos também respostas que demonstraram satisfação com o dinamismo do mercado de trabalho no que diz respeito à demanda por seus serviços.

Concluimos que o trabalho das costureiras em Araguaína apresenta as contradições inerentes ao mundo do trabalho: aprendizado precoce intrafamiliar e entrada antecipada nas relações laborais; migração; relativo controle sobre seu trabalho e suas jornadas; relação conflitante quanto às suas inserções sociais ora percebidas como aderentes ao dinamismo econômico que beneficia de parte da população da cidade, ora percebidas como vulneráveis a partir da ausência de suporte a seus trabalhos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. PL 7806/2014 Projeto de Lei. 2014. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br>>. Acesso em 20 mai. 2018.

CÁSSIA, Maestri; Rita, BRENER; Mindal, Clara. **Metodologia de história de vida: a história de vida profissional de uma pessoa surda**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2013.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CORRÊA, Rosa, Lydia, Teixeira. GUIRAUD, Luciene. Possibilidades e limites de histórias de vida por meio de depoimentos orais na história da formação de professores. In: **Revista Diálogo Educacional**, v. 9, n. 28, 2009.

GUEDES Luciano da silva; BRITO Jorge Luis silva. Caracterização sócio-econômica da microrregião geográfica de Araguaína (TO). In: **Revista Eletrônica de Geografia**. v. 6, n. 17, p. 94-104 out. 2014.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, sobre a cidade de Araguaína- TO. 2015

LAVINAS, Lena et al. **Trabalho a Domicílio: Nova Forma de Contratualidade**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.

MORAIS, Itamar Araújo. **Araguaína-TO enquanto Cidade média no contexto regional**. 130f. Mestrado (Dissertação). Universidade de Brasília – Programa de Pós-Graduação em Geografia Brasileira, 2014.

MELISSA, Carla Barbosa. BUENO, Maria Clara Fischer. **Alinhando Trabalho, Profissão e Profissionalização para costurar a Trajetória Profissional de Costureiras**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação Porto Alegre-RS 2015.

NEVES, Magda de Almeida; PEDROSA, Celia Maria. **Gênero, Flexibilidade e precarização o trabalho a domicilio na indústria de confecções**. In: Sociedade e Estado, Brasília, v. 22, n. 1, p. 11-34, jan/abr 2007.

RUEDA, Bianca et al. **O papel da costureira doméstica o longo dos séculos**. In: Anais do 1º Encontro Paranaense de Moda, Design e Negócios. Maringá, 2009:

SANTOS, Inês Maria Meneses dos; SANTOS, Rosângela da Silva. **A Etapa de Análise no Método História De Vida** – uma experiência de pesquisas de enfermagem. Santos-RS, 2008.

SILVA, Aline Pacheco et al. **“Conte-me sua história”**: Reflexão sobre o método de História de Vida. Belo Horizonte- MG, 2007.

SIMILI, Ivana Guilherme; FRASQUETE, Débora Russi. **Moda e as mulheres**: as práticas de costura e o trabalho feminino no Brasil nos anos 1950 e 1960. Porto Alegre, 2017.

SOUSA, Benilson Pereira de; AMARO, Dinarte Guimarães. **O setor Nova Araguaína e a segregação sócio espacial urbana em Araguaína- TO**. Araguaína-TO, 2009.